

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

"O JARDIM DE PORTUGAL": REPRESENTAÇÕES DE GUIMARÃES, DAS CALDAS DAS TAIPAS E DA CITÂNIA DE BRITEIROS EM MY TOUR IN PORTUGAL (1932), DE HELEN CAMERON GORDON (LADY RUSSELL).

PUGA, Rogério Miguel

Ano: 2007-2008-2009 | Número: 117-118-119

Como citar este documento:

PUGA, Rogério Miguel, "O Jardim de Portugal": Representações de Guimarães, das Caldas das Taipas e da Citânia de Briteiros em My Tour in Portugal (1932), de Helen Cameron Gordon (Lady Russell). *Revista de Guimarães*, 117-118-119 Jan.-Dez. 2007-2008-2009, p. 85-99.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

“O Jardim de Portugal”: Representações de Guimarães, das Caldas das Taipas e da Citânia de Briteiros em *My Tour in Portugal* (1932), de Helen Cameron Gordon (Lady Russell)

Rogério Miguel Puga¹

À Professora Doutora Maria Leonor Machado de Sousa

Em 1932, Helen Cameron Gordon (1867-1949) - correspondente honorária do Institut de France, membro da Royal Geographical Society e do Instituto de Coimbra², também conhecida como Lady Russell -, publica um dos seus vários relatos de viagem *My Tour in Portugal*, obra na qual apresenta ao leitor anglófono as suas experiências em Portugal, desde o Porto a Lisboa, bem como as paisagens urbana e rural do país. A narrativa peripatética é acompanhada de 31 fotos e gravuras de Portugal que complementam visualmente os quadros narrativos que a autora vai apresentando e que ilustram o passeio literário através de monumentos, obras de arte, tradições e costumes, paisagens naturais e fortemente humanizadas, bem como outros elementos culturais e episódios históricos que enriquecem a narrativa e fazem parte da memória colectiva portuguesa, sendo descritos, nesta narrativa feminina, de forma subjectiva. O olhar da viajante oriunda de Edimburgo apresenta também uma dimensão histórico-etnográfica, como poderemos ver através da nossa análise do terceiro capítulo da obra que a autora dedica a Guimarães e às Caldas das Taipas³. Não admira portanto que a narrativa tenha sido noticiada nas

¹ Centre for English, Translation, and Anglo-Portuguese Studies. Universidade Nova de Lisboa/FCT

² Instituto da Universidade de Coimbra fundado em 1852 e extinto em 1982, clube de lentes e academia científica, literária e artística que publicou a revista *O Instituto* (1852-1981). Esta ligação da autora à Universidade de Coimbra é referida no frontispício da sua obra *Syria as it Is* (1939).

³ Helen Cameron Gordon (Lady Russell), *My Tour in Portugal*, 1932, pp. 29-42. As páginas dessa obra serão doravante indicadas no corpo do texto entre parêntesis.

imprensas académicas portuguesa e inglesa após a sua publicação⁴.

A obra, composta por 25 capítulos temáticos, contém vários elementos paratextuais que enriquecem a sua leitura do ponto de vista do leitor inglês menos informado sobre o país que Lady Russell explora sobretudo de carro, a saber: 84 notas de rodapé que indicam fontes literárias e historiográficas lidas e utilizadas pela autora e auxiliam a tarefa de construção do texto ao traduzir termos portugueses, indicar localidades e figuras históricas e edifícios e localidades referidos, e que se tornam intertextos⁵ da narrativa de que nos ocupamos. São ainda de destacar as 31 fotos a preto e branco de vários locais de Portugal, da autoria de dois portugueses, Marques Abreu⁶ e J. N. Ribeiro, e um inglês, Sir Allison Russell, duas das quais inseridas no capítulo terceiro “Caldas das Tappas and Guimarães”, uma do castelo de Guimarães e outra da igreja de Nossa Senhora da Oliveira, também na cidade, monumento cujo ‘imaginário visual’ medieval transporta, como veremos, a autora para o século XIV.

Lady Russell desembarca no Porto, onde residem inúmeras famílias inglesas envolvidas no comércio do Vinho do Porto, e, tal como noutros relatos de viagem ingleses, o agradável clima português, que atrai o turista do Norte da Europa, torna-se um tema recorrente (1, 13, 23), ou seja, torna-se um motivo literário⁷.

O adjectivo ‘pitoresco’ é também frequente ao longo da narrativa (3, 6, 22, 29) e caracteriza as ‘molduras’ humanas que a viajante opta por descrever e cristalizar no seu Tour. O olhar da autora sobre Portugal não é ingénuo, pois esta traz consigo o seu “guide book” (2), que a levava a crer que, no porto onde desembarca, encontraria a azáfama de multidões, o que não acontece, mostrando que o ‘horizonte de expectativas’ do viajante, bem como as suas opiniões e ideias mudam no decurso da viagem, ou do “tour” para citarmos o título da obra que estudamos. Já no segundo capítulo, dedicado à comunidade

⁴ *Portucalce: Revista Ilustrada de Cultura Literária, Científica e Artística*, vol. 5, n. 25-30, 1932, p. 138 e *Geographical Journal*, vol. 80, 1932, p. 254.

⁵ Definimos intertextualidade como a relação que dois ou mais textos estabelecem entre si ao nível da forma e do conteúdo (vide AA. VV., *Poétique: Intertextualidade*, n.º 27, 197, Gérard Genette, *Palimpsestes: la littérature au second degré*, 1982, pp. 7-16 e Graham Allen, *Intertextuality*, 2001, pp. 8-60, 76-88).

⁶ Possível referência a José Antunes Marques Abreu (1879-1958), artista gráfico, autor de diversas monografias sobre arte portuguesa e fundador da *Ilustração Moderna* (1898).

⁷ Para um estudo sobre o motivo literário (temática/objecto/padrão verbal/imagem recorrentes/elemento descritivo das atmosferas de uma obra), veja-se William Freedman, «The Literary Motif», in Michael J. Hoffman e Patrick D. Murphy (eds.), *Essentials of the Theory of Fiction*, 1998, pp. 206-208.

inglesa do Porto, a autora descreve vários monumentos como a igreja de St. James e o cemitério inglês, bem como o edifício da antiga Feitoria Inglesa, que no momento da escrita alberga a Associação Britânica, um clube onde mercadores e outros membros se encontram⁸. Para entendermos quer a forma de olhar da viajante, quer o contexto de produção da narrativa, atentemos em algumas das suas afirmações sobre a cultura portuguesa até à chegada a Guimarães. O texto retira partido de pitorescos vocábulos portugueses, utilizando-os como estratégia para se auto-impregnar da cor local, que muita agrada ao viajante que parte em busca do pitoresco e que acaba por apresentar ao leitor representações⁹ ou imagens¹⁰ por si filtradas dos espaços visitados. Encontramos assim termos e expressões como "convento"(6), "rua"(5, 16), "praça" (4), "Rua dos Ingleses"(18), "turismo"(29), "bacalhau"(33), designações e expressões traduzidas como "Church of Our Lady of Incarnation"(7) ou "Meu Deus! (Portuguese for 'Dear me')"(13).

A autora auto-caracteriza-se ainda como informada ao citar um longo excerto do romance *Uma Família Inglesa*, de Júlio Dinis, "the Portuguese Dickens" (18), para ilustrar o movimento que outrora se testemunhara na então Rua dos Ingleses, utilizando ainda uma citação do romance inglês *The Egoist*, de George Meredith, para enfatizar a fama e a dimensão inglesa do vinho do Porto (18-21). Um dos temas que se vai, assim, adensando ao longo da obra, através da acumulação, é o da mudança, quer da textura arquitectónica das cidades quer dos costumes e usos das suas gentes.

⁸ Vide John Delaforce, *The Factory House at Oporto*, 1983, p. 1.

⁹ Seguimos de perto a definição do conceito 'representação', largamente generalizado no âmbito dos estudos literários, históricos e antropológicos, apresentada por Jacques Le Goff, no prefácio da primeira edição de *O Imaginário Medieval*, 1994, p. 11: "Este vocábulo, de uma grande generalidade, engloba todas e quaisquer traduções mentais de uma realidade exterior percebida".

¹⁰ Olavi K. Fält, «Introduction», in Kari Alenius, Olavi K. Fält e Seija Jalagin (eds.), *Looking at the Other: Historical Study of Images in Theory and Practise*, 2002, p. 8, define imagem como "[...] an intellectual heritage handed down to us, which we carry with us [...]. An image is like a map that we have in our head, which depicts reality but is not itself real by comparison with the object which it represents." O autor aborda o estudo da imagem ao longo dos tempos, afirmando na página seguinte: "Historical image research draws attention to what an image is like, how we have formed a particular image of a certain thing, why we have this image, what purpose it serves, what changes have taken place in it, and what all this tells us of the creators of the image. It is of secondary importance whether the image is a "correct" or a "wrong" one, as one cannot even aspire to "correctness" in such a matter." Ao analisar a representação de Guimarães no relato de viagem de Lady Russell, seguimos de perto estas definições, respondendo às questões levantadas por Olavi K. Fält.

O valor histórico-etnográfico do texto subjectivo de que nos ocupamos poderá, portanto, ser interpretado à luz das palavras recentes de John K. Walton sobre os estudos de turismo em geral:

It is particularly important that tourism studies should begin to pay serious attention to the relevance of historical research and writing to its concerns. Despite the growing interest in issues of heritage, authenticity and historical representation in the provision of tourist experiences and the analysis of consumer expectations and responses to them, which entails assessment of the ways in which tourism uses 'history' and, occasionally, the ways in which 'history' might use (or even be regarded as) tourism [...]¹.

Do Porto, Lady Russell é transportada pelo seu motorista até Guimarães e a Caldas das Taipas, esta última vila conhecida pelas suas termas, sendo a viagem de carro caracterizada como o momento em que a viajante começa a fazer “turismo” (29). De facto, o automóvel, e a rapidez e a liberdade ‘geográfica’ que este confere ao turista que deseja alargar o espaço das suas visitas, transformam a forma como o estrangeiro (re)vê Portugal, sobretudo povoações mais isoladas e não tão visitadas por viajantes anteriores. Chris Ryan, ao fazer a história do turismo no mundo anglófono, aborda esta mesma temática:

It was not until the twentieth century and the greater geographical freedom permitted by the motor car that these locations entered the domain of tourism more fully. Tourists were also helping to create new product. Perhaps one of the best better examples of this was the development of the Alpine tourism¹².

Preferindo começar por desfrutar da calma da vila termal, Lady Russell decide ir para a “pitoresca” localidade onde poderá ver os banhos romanos, uma vez que a sua curiosidade havia sido estimulada pelas leituras prévias sobre a citânia nas redondezas das termas. O motorista deixa a viajante numa pousada, de onde ela aprecia os habitantes locais nos seus afazeres diários: “It interested me to watch the peasants passing by, each bent on his daily round, and the little

¹John K. Walton, «Introduction», in John K. Walton (ed.), *Histories of Tourism: Representation, Identity, and Conflict*, 2005, p. 3.

¹² Chris Ryan, *Recreational Tourism: Demand and Impacts*, 2003, p. 11.

scenes of village life; and it was preferable for a couple of days to the privacy of the more chic hotel hidden away in the gardens of the Bath House" (29-30). Nas redondezas das nascentes de água de tipo bicarbonatada sódica sulfúrea, as jóias de Helen Gordon escurecem, levando-a a concluir que as águas sulfurosas também impregnam a atmosfera. A paisagem circundante estimula, assim, a atenção e os sentidos da escritora, que descreve não apenas o que observa, mas também as sensações que o tacto e o odor lhe possibilitam nos momentos em que se sente cultural e linguisticamente isolada, pois nenhum dos empregados ou dos demais visitantes na vila falam inglês. O texto caracteriza a língua portuguesa como difícil de pronunciar e de entender, recorrendo a uma sugestiva comparação para veicular o som do português aos ouvidos de um inglês: "a sentence with its words in the plural sounds like shooing chickens into a fowl-house!" (30). No segundo dia da visita, acompanhada por um guia, Helen visita a citânia de Briteiros, no Monte de São Romão, cuja vista é uma das atracções turísticas. Rentabilizando os dados fornecidos provavelmente pelo guia, a viajante informa o leitor da tradição portuguesa em torno da destruição da citânia pelo imperador Trajano, cujo nome, como é sabido, está associado a Caldas das Taipas através da Ara de Trajano. Para além de *West Indian Scenes* (1942), Lady Russell publicara, em 1914, o seu primeiro livro de viagens *A Woman in the Sahara*, obra que ecoa na narrativa de que nos ocupamos através de comparações interculturais que a viajante inglesa estabelece entre as construções circulares da citânia e as que encontrara no deserto do Sará, na chamada "bee-hive village"¹³, bem como os agrupamentos de casas de Kabylie, estratégia que ecoa textos etnográficos que comparam realidades culturais diferentes. Habituada a ver pequenos recintos de casas sobretudo no Norte de África, a autora, ao contrário dos visitantes portugueses, não se deixa surpreender com tanta intensidade pela estrutura e aparência da citânia. O texto refere ainda quer a romanização da localidade que não apresenta, no entanto, na sua 'planificação', características romanas, mas sim ibéricas ou celtas, quer o facto de os seus moradores se dedicarem a uma forma de culto pagão. A figura do arqueólogo e paleo-etnólogo Francisco de Gouveia Martins Sarmiento (1883-1899), que supervisionou as escavações arqueológicas e o restauro do

¹³ Estas casas, que se assemelham a colmeias, são também descritas por Jean Brunhes, *Human Geography*, 1952, p. 179.

monumento desde 1874¹⁴, é também obviamente mencionada, bem como a descoberta de um (suposto) altar destinado a sacrifícios humanos, ou seja, a Pedra Formosa, que, desde que fora descoberta, dera lugar a divergências entre os arqueólogos, como informa um artigo recente de Francisco de Sande Lemos:

A Pedra Formosa, hoje depositada no Museu da Sociedade, mas na ocasião ainda conservada no cimo de Briteiros no interior de uma das duas casas castrejas restauradas, provocou opiniões divergentes. Alguns congressistas, convencidos que se tratava de um altar destinado a sacrifícios humanos, chegaram a colocar o pescoço na abertura da Pedra, exemplificando assim a maneira como as vítimas seriam imoladas¹⁵.

Tal como noutros locais de Portugal, a autora ilustra o seu texto com episódios quer da história nacional quer regional/local, como acontece quando refere que o padre de uma aldeia próxima da citânia mandara levar a Pedra Formosa para a sua paróquia sem autorização de Martins Sarmento, que, com a ajuda de 44 bois, leva a Pedra de volta para o seu local de origem, como informa a narrativa, com base na obra de Oswald Crawford *Portugal: Old and New* (1880), e a nota de rodapé na página 32. Como veremos de seguida, os diversos episódios das ‘viagens’ da Pedra Formosa entre o Monte de São Romão e os vários locais por onde foi admirada deram-se ao longo de anos e não de uma forma tão rápida como a autora, talvez por influência do seu guia, parece afirmar. De acordo com o militar e arqueólogo Mário Cardoso, que recorre a vários estudos sobre o monumento, a Pedra é levada da Citânia, em data incerta, por ordem do pároco de Santo Estêvão de Briteiros, Inácio de Carvalho, para essa mesma localidade (Poço de Ola), onde permanece até Março de 1718, data em que é mudada para o adro da igreja da freguesia. Por volta de 1876 Martins Sarmento devolve a Pedra à citânia com o auxílio de 24 juntas de bois (número igual ao que Lady Russell avança), sendo levada para o Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento em 1897, instituição que é referida pela autora na página 33. Mário Cardoso justifica o elevado

¹⁴ Vejam-se Francisco de Sande Lemos, «Martins Sarmento e a Arqueologia Portuguesa dos Anos Setenta e Oitenta do Século XIX», *Revista de Guimarães*, n. 105, 1995, pp. 117-126 e Manuela Martins, «Martins Sarmento e a Arqueologia dos Castros», *Revista de Guimarães*, n. 105, 1995, pp. 127-138.

¹⁵ Francisco de Sande Lemos, op. cit., p. 124.

interesse que a Pedra desperta quer ao referido abade quer ao público em geral, referindo a sua "bizarra ornamentação e grandes proporções", bem como o "carácter desconhecido, misterioso do seu primitivo uso"¹⁶, factores de que também Lady Russell se ocupa no seu relato de viagem ao mencionar o monumento em si e a história da sua conservação e exibição. Relativamente ao Museu da Sociedade Martins Sarmento, a autora confessa que é com alguma dificuldade que o visita, uma vez que o edifício na rua Paio Galvão se encontra fechado e não tem qualquer batente ou campainha, mas após indagar em várias lojas, a autora descobre o guardião da chave. Instalado no extinto Convento de S. Domingos, o museu é apresentado como um contributo para a "ciência, arte e indústria" (36, tradução minha), mas a informação disponível para o visitante não é suficiente. Através da enumeração, a autora descreve as peças expostas que despertam o seu interesse, nomeadamente uma planta da citânia, relíquias como ornamentos, mas sobretudo o claustro gótico do Convento, preservados, de acordo com a autora, desde o século XII, o que de facto, não é verdade, pois o Convento data da segunda metade do século XIV. Mesmo o convento original apenas foi construído entre 1271 e 1279, portanto já no século XIII. No claustro encontra-se a já referida Pedra Formosa, que a autora descreve atentamente, bem como duas estátuas de guerreiros, um dos quais é identificado pelo museu como "São Jorge", tratando-se, como é sabido, das estátuas sepulcrais em granito de dois guerreiros lusitanos, provenientes uma de São Jorge de Vizela - medindo cerca de 1,70 m de altura, encontrada por Martins Sarmento em 1884 -, e a outra de Santo Ovídio (Fafe)¹⁷ - também descoberta pelo arqueólogo e adquirida pela Sociedade Martins Sarmento em 1876 -, e que ainda hoje podem ser admiradas na secção de epigrafia e escultura antiga do museu, que se encontra distribuída pela escadaria do convento, pelo claustro e pelo jardim. Lady Russell informa, ainda, o leitor que a "coleção Sarmento" (37) irá brevemente ser mudada para a casa do "antiquarian" (Martins Sarmento), que fora oferecida à cidade pela viúva deste¹⁸, então recentemente falecida, mas qualquer turista deverá, contudo, continuar a ir visitar o claustro.

¹⁶ Mário Cardoso, «A Pedra Formosa». Revista de Guimarães, n. 38 (3-4), Julho-Dezembro de 1928, p. 143.

¹⁷ Vide o breve texto de José Leite de Vasconcelos, «Estátuas de Guerreiros Lusitanos», O Archeologo Português, série 1, vol. 2, n.º 1, Janeiro de 1896, pp. 29-32.

¹⁸ Referência a Maria de Freitas Aguiar Martins Sarmento, falecida em 4 de Março de 1929.

O hotel em Guimarães, não tão cosmopolita como o do Porto, possibilita à viajante, quer contactar com a população local, descrita como hospitaleira, quer saborear a simplicidade da comida, que descreve como bem condimentada, abundante, mas pouco apetitosa para o seu paladar, pois as saladas, as tripas, a carne de porco e o bacalhau não lhe agradam, explicando ao leitor menos informado a forma como os portugueses preservam e cozinham este peixe, que é o “prato nacional” (33, tradução minha):

This is salted cod, the national dish, to be found on the tables of rich and poor alike; to be met with in the streets for sale carried over men's shoulders in flattened masses of stringy-grey fish, flat and floury-looking. 'Good-wine never tastes so well as after bacalhau,' says a Portuguese proverb, and it certainly is conducive to a violent thirst. A Portuguese cookery book, now on sale, gives 290 recipes for its preparation (33).

A narrativa assume-se assim como um olhar subjectivo sobre a realidade portuguesa, e é também em Guimarães que a autora saboreia o saboroso bife português e a “canja”, designação que, como esta informa, deriva do termo indiano (Malayalam) “kanji”, tal como acontece com ‘ama’ e ‘aia’, “and may have been imported by the [Portuguese] adventurers from the East” (34). No entanto, estes últimos dois termos portugueses são de origem latina e não oriental, e não foram importados para Portugal, mas sim exportados da Europa para o Oriente pelos referidos aventureiros lusos. A título de exemplo bastará recordar que uma fonte inglesa, o dicionário anglo-indiano Hobson-Jobson, indica a origem portuguesa de ambos os termos (“amah” e “ayah”) utilizados no Oriente¹⁹. O futuro visitante é ainda avisado de que não deve pedir sal ou qualquer especiaria quando convidado a comer em casas portuguesas, pois tal seria uma ofensa para a dona do lar. Os diversos frutos que a autora vai descobrindo e saboreando ao longo da sua estada marcam a passagem do tempo e das estações, são apresentados como um festim para os sentidos e conferem à narrativa uma dimensão quase exótica, concluindo a autora: “No wonder that this province is known as ‘The Garden of Portugal! Nature is unsparing in her beauty” (35), ecoando as palavras de, entre outros, José Augusto Vieira (1856-1890) em *Minho Pitoresco*: “Minho! O jardim de

¹⁹ Henry Yule e A. C. Burnell, *Hobson-Jobson: The Anglo-Indian Dictionary*, 1996 [1886], pp. 17, 42, respectivamente.

Portugal!”.²⁰

Passeando, qual flâneur, por entre o tecido urbano de Guimarães, Lady Russell descreve ainda o edifício da Misericórdia e uma freira que se ocupa a fazer flores de papel para decorar altares, confessando que é curioso ver os portugueses utilizarem flores artificiais de mau gosto quando vivem no “País das Flores” (37, tradução minha). De acordo com a autora, em Inglaterra crê-se que em Portugal não existem freiras, pelo que dois encontros com religiosas portuguesas a espantam, gerando-se assim um curioso jogo de espelhos em torno do Eu e do Outro religioso, com base em estereótipos, imagens e opiniões pré-concebidas que cada viajante transporta consigo e que se vão alterando durante a viagem. Tal como indicam os títulos das sete partes que constituem o *Handbook of Urban Studies* (2001)²¹, a cidade pode ser lida como: economia, ambiente, multidão ecléctica, política, (discurso do) poder e progresso/transição, exigindo essa variedade de dimensões uma abordagem pluridisciplinar do espaço citadino. Se os estudos urbanos advogam a necessidade de se interpretar a cidade através de uma perspectiva multidisciplinar²², Carlos Rotella chama a atenção para o facto de espaços urbanos reais serem também “moldados” pela imaginação²³, como também acontece com o texto de que nos ocupamos, enquanto Joachim von der Thüßen aborda a cidade como metáfora, metonímia e símbolo na literatura ocidental, interessando-nos, para o estudo do texto de Lady Russell, esta última abordagem, a da cidade metonímica:

On the symbolical level, the city is seen as an image of something larger than itself [...]. Literature has both celebrated the city as the supreme expression of wealth, of energy, of the amalgam of living styles and, conversely, as representative of modern society's ills, its anonymity, egotism, oppression, and anxiety. [...] On the metaphorical level of image-making, the city is represented in terms of relatively concrete constructs and processes that often have no overt connection

²⁰ José Augusto Vieira, *Minho Pitoresco*, 1886, p. iii.

²¹ Ronan Paddison (ed.), *Handbook of Urban Studies*, 2001, pp. 1-11.

²² Vide Lewis Mumford, *The City in History*, 1979, pp. 282-287, Kevin Lynch, *The Image of the City*, 2000, pp. 1-13, Gary Bridge e Sophie Watson (eds.), *A Companion to the City*, 2003, p. 1 e Joachim von der Thüßen, «The City as Metaphor, Metonym and Symbol», in Valeria Tinkler-Villani (ed.), *Babylon or New Jerusalem? Perceptions of the City in Literature*, 2005, p. 1.

²³ Carlos Rotella, *October Cities: Redevelopment of Urban Literature*, 1998, pp. 3, 14-15.

to urban life. [...] Such subsequent images complement each other or, as more often happens, cancel each other. [...] On the metonymic level [...] the image of the city is made up of customs, structures and buildings which are specific to that particular city²⁴.

Como o autor afirma na sequência destas palavras, a imagem da urbe não é homogénea, consistindo num conjunto de “visões” parciais e heterogéneas, e a autora de que nos ocupamos vai ajudando o leitor a visualizar vários quadros ou cenas quer do quotidiano vimaranense quer até da história de Portugal. Entre o Largo do Toural e o castelo, na Rua da Rainha, a autora sente-se a mergulhar no passado, nomeadamente no início do século XIV, ao avistar a igreja da Nossa Senhora da Oliveira, na qual se destacam a torre e o templete ou alpendre gótico que alberga o cruzeiro (1342) alusivo à vitória da Batalha do Salado (1340)²⁵. A igreja remonta ao século X, mas, como a autora refere (40), foi reedificada por D. João I após o sucesso da Batalha de Aljubarrota, em finais do século XIV. O cenário medieval surpreende deveras a viajante, como fica claro através da sua poética conclusão do parágrafo:

There was something peculiarly arresting and poetic in the composition of this medieval scene. Moreover, momentarily deserted by the living and completely silent, it might well be haunted by spirits of the dead: the shades of those two merchant brothers, the Esteres [sic.], who brought the crucifix from Normandy (40) [...] in 1442 and visited the church (41).

O excerto refere-se ao mercador Pêro Esteves, que encomenda e coloca o cruzeiro gótico no Padrão da Nossa Senhora da Vitória em 8 de Setembro de 1342, e ao seu irmão, também mercador, Gonçalo Esteves, que traz o cruzeiro da Normandia²⁶.

²⁴ Joachim von der Thüsen, op. cit., pp. 1-3. Sobre a representação literária da cidade em geral, veja-se Peter Preston e Paul Simpson-Housley (eds.), *Writing the City*, 1994, pp. 2-12.

²⁵Veja-se Dionísio Sant’Anna, s. v. «Igreja de Nossa Senhora da Oliveira», in Raul Proença (coord.), *Guia de Portugal*, vol. 4, 1986, p. 1180.

²⁶Para uma transcrição da legenda na base da cruz e descrição do cruzeiro coberto, e ainda breves dados biográficos sobre os irmãos Esteves, filhos de Estêvão Garcia e de Marta Peres, veja-se Inácio de Vilhena Barbosa, *Monumentos de Portugal Históricos, Artísticos e Arqueológicos*, 1886, pp. 102-103 e Padre António José Ferreira Caldas, *Guimarães: Apontamentos para a sua História, parte segunda*, 1996, pp. 418-421.

Na página 41, o texto refere ainda o ‘milagre da oliveira’²⁷ que dá nome à igreja e ao Padrão do Salado, também conhecido como Padrão da Nossa Senhora da Vitória, associando ambos os monumentos quer ao milagre, quer ao gesto religioso dos irmãos Esteves. O capítulo que estudamos acaba assim com o sumário deste conhecido milagre, adiantando a autora, ao dirigir-se directamente ao leitor, em forma de conclusão mais intimista e que remete para a tarefa e o poder de selecção de informação que tornam qualquer relato de viagem uma narrativa subjectiva: “the guide books tell of another legend to account for this picturesque name, but I prefer the one that I have given you, which so happily includes the shrine and crucifix in the Largo da Oliveira” (42).

Um amigo português permite a Lady Russell entrar no Paço dos Duques de Bragança para explorar o monumento que era, à data, utilizado como caserna, mas digno de ser visitado devido às suas janelas e ao portal da velha capela. A propósito do monumento, a autora estabelece ligações entre o espaço em que se encontra e o tempo histórico ao apresentar um resumo do início da quarta dinastia portuguesa, a de Bragança, através da figura de D. João IV e da história do próprio edifício, adaptado para fins militares e que, de acordo com o texto, não reteve quaisquer “memórias dignas de preservação” (38, tradução minha). De facto só em 1937 se iniciaram as obras de restauro do monumento, complementadas pela aquisição do recheio que actualmente faz parte da colecção exposta no Paço. No entanto, a curta distância o visitante encontra um “memorial nacional”, o castelo de Guimarães, um monumento original e simples cuja história é também sumariada e associada, obviamente, a D. Afonso Henriques, pelo que Guimarães é, como também seria de esperar, referida como “o berço da raça [Portuguesa], a cidade mais antiga que é puramente portuguesa” (39, tradução minha). Já D. Afonso Henriques é a figura histórica que mais linhas ocupa neste capítulo, sendo considerado um herói medieval, o “Cid Campeador” de Portugal, um Senhor guerreiro, e um bom governante, que a cidade homenageou através de uma estátua no Largo

²⁷Sobre o referido milagre, bem como outros milagres da Nossa Senhora da Oliveira, veja-se Francisco Martins, «O Livro dos Milagres da Nossa Senhora da Oliveira, de Afonso Peres», *Revista de Guimarães*, vol. 63 (1-2), Janeiro-Junho de 1953, pp. 83-132, e Cristina Célia Oliveira Fernandes, «Os Milagres de N.ª Sra. da Oliveira de Guimarães», *Revista de Guimarães*, vol. 109, Janeiro-Dezembro de 1999, pp. 217-297, idem, “Livro dos Milagres de N.ª Sra. da Oliveira de Guimarães”, *Lusitania Sacra*, tomo 13-14, 2001-2002, pp. 597-607, e idem, *O Livro dos Milagres da N. Sra. da Oliveira da Real Colegiada de Guimarães*, 2006.

do Toural, descrito como mercado, local de encontro público, e jardim no centro da cidade. De facto a referida estátua foi colocada no Largo após a implantação da República, mas mudada para o Parque do Castelo e substituída por uma fonte. Da janela do seu quarto de hotel, Lady Russell conclui que o escultor não moldou a espada da estátua do primeiro rei de Portugal a partir do exemplar exposto inicialmente no Museu Soares dos Reis e posteriormente no Museu Militar, no Porto, e que a tradição afirma ter pertencido a D. Afonso Henriques, mas que deverá ter pertencido a D. Afonso V. Informações como esta tanto podem advir da observação da viajante como de informantes como os guias que Lady Russell contrata para a acompanharem, por exemplo, à Citânia de Briteiros, podendo a informação que lhe é transmitida estar errada. Como verificámos ao longo deste estudo, a narrativa, bem como o capítulo de que nos ocupamos, assumem-se como um olhar pessoal e logo subjectivo dos elementos da paisagem vimaranense que atraem a atenção da viajante inglesa, que de Guimarães parte para Braga, descendo posteriormente até Évora e Lisboa, entre outras paragens do horizonte turístico português. Narrativas como as de Helen Cameron Gordon permitem-nos ainda conhecer de forma mais aprofundada a geografia do turismo inglês em Portugal. Prendem a atenção do olhar de Lady Russell, no início da década de 30 do século XX, entre as duas guerras mundiais, a arquitectura religiosa, os edifícios de prestígio, a culinária e os costumes locais, as figuras e os episódios históricos associados às localidades visitadas, bem como o trabalho de Martins Sarmento, e o Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento, entre outros pontos de interesse da cidade que podemos actualmente visitar, recorrendo ao ‘olhar’ de uma viajante inglesa, ou seja através do filtro de um Outro ciente de que está a fazer turismo e a absorver uma realidade, por vezes, difícil de descodificar. *My Tour in Portugal* assume-se assim como uma obra de valor acrescido não apenas no âmbito dos estudos anglo-portugueses, multidisciplinares por natureza, mas também dos estudos de turismo, da literatura de viagens e dos estudos culturais, uma vez que o olhar da turista-autora, com uma atitude, um olhar e condições de viagem diferentes dos do viajante do século anterior, aborda questões como as identidades nacional e regional portuguesas e especificidades locais, neste caso as vimarenses, pois é a história, o passado do país, materializados nos monumentos a visitar, que levam Lady Russell a Guimarães, e são esses micro-espacos e paisagens do

tecido urbano que estruturam o seu pequeno "tour" pelo "berço de Portugal" e pelas suas redondezas.

BIBLIOGRAFIA

AA. VV., *Poétique: Intertextualidade*, nº. 27, tradução de Clara Crabbé Rocha, Livraria Almedina, Coimbra, 1979.

ALLEN, Graham, *Intertextuality*, Routledge, Londres, 2001.

BARBOSA, Inácio de Vilhena, *Monumentos de Portugal Históricos, Artísticos e Arqueológicos*, Castro Irmão, Lisboa, 1886.

BRIDGE, Gary e Sophie Watson (eds.), *A Companion to the City*, Blackwell, Oxford, 2003.

BRUNHES, Jean, *Human Geography*, Rand McNally, Nova Iorque, 1952.

CALDAS, Padre António José Ferreira Caldas, *Guimarães: Apontamentos para a sua História*, parte segunda, segunda edição, Câmara Municipal de Guimarães - Sociedade Martins Sarmento, 1996.

CARDOSO, Mário, «A Pedra Formosa». *Revista de Guimarães*, n. 38 (3-4), Julho-Dezembro de 1928, pp. 139-152.

DELAFORCE, John, *The Factory House at Oporto*, Christie's Wine Publications, Londres, 1983.

FÄLT, Olavi K., «Introduction», in Kari Alenius, Olavi K. Fält e Seija Jalagin (eds.), *Looking at the Other: Historical Study of Images in Theory and Practise*, Oulun Yliopisto, Oulun, 2002, pp. 7-11.

FERNANDES, Cristina Célia Oliveira, «Os Milagres de N.ª Sra. da Oliveira de Guimarães», *Revista de Guimarães*, vol. 109, Janeiro-Dezembro de 1999, pp.

217-297.

FERNANDES, Cristina Célia Oliveira, “Livro dos Milagres de N.ª Sra. da Oliveira de Guimarães”, *Lusitania Sacra*, tomo 13-14, 2001-2002, pp. 597-607.

FERNANDES, Cristina Célia Oliveira, *O Livro dos Milagres da N. Sra. da Oliveira da Real Colegiada de Guimarães, Vimaranesense, Guimarães, 2006.*

FREEDMAN, William, «The Literary Motif», in Michael J. Hoffman e Patrick D. Murphy (eds.), *Essentials of the Theory of Fiction*, Duke University Press, Durham-Carolina do Norte, 1996, pp. 200-212.

GENETTE, Gérard, *Palimpsestes: La littérature au second degré*, Éditions du Seuil, Paris, 1982.

Geographical Journal, vol. 80, 1932.

GOFF, Jacques Le, *O Imaginário Medieval*, Editorial Estampa, Lisboa, 1994.

GORDON, Helen Cameron (Lady Russell), *My Tour in Portugal*, Methuen & Co., Londres, 1932,

GORDON, Helen Cameron (Lady Russell), *Syria as it Is*, Methuen & Co., Londres, 1939 [1937].

LEMONS, Francisco de Sande, «Martim Sarmiento e a Arqueologia Portuguesa dos Anos Setenta e Oitenta do Século XIX», *Revista de Guimarães*, n. 105, 1995, pp. 117-126.

LYNCH, Kevin, *The Image of the City*, Harvard MIT Joint Center for Urban Studies, Cambridge-Massachusetts, 2000.

MARTINS, Francisco, «O Livro dos Milagres da Nossa Senhora da Oliveira, de Afonso Peres», *Revista de Guimarães*, vol. 63 (1-2), Janeiro-Junho de 1953, pp. 83-132.

MARTINS, Manuela, «Martins Sarmiento e a Arqueologia dos Castros», *Revista de Guimarães*, n. 105, 1995, pp. 127-138.

MUMFORD, Lewis, *The City in History*, Penguin Books, Harmondsworth, 1979.

PADDISON, Ronan (ed.), *Handbook of Urban Studies*, Sage, Londres, 2001.

Portugale: Revista Ilustrada de Cultura Literária, Científica e Artística, vol. 5, n. 25-30, 1932.

PRESTON, Peter e Paul Simpson-Housley (eds.), *Writing the City: Eden, Babylon and the New Jerusalem*, Routledge, Londres, 1994.

ROTELLA, Carlos, *October Cities: Redevelopment of Urban Literature*,

University of California Press, Los Angeles, 1998.

RYAN, Chris, *Recreational Tourism: Demand and Impacts*, col. «Aspects of Tourism», n. 11, Channel View, Clevedon, 2003.

SANT'ANNA, Dionísio, s. v. «Igreja de Nossa Senhora da Oliveira», in Raul Proença (coord.), *Guia de Portugal, segunda edição*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, vol. 4, 1986, pp. 1179-1188.

SHUTTLEWORTH; Anthony (ed.), *And in Our Time: Vision, Revision, and British Writing of the 1930s*, Bucknell University Press, Londres, 2003.

THÜSEN, Joachim von der, «The City as Metaphor, Metonym and Symbol», in Valeria Tinkler-Villani (ed.), *Babylon or New Jerusalem? Perceptions of the City in Literature*, Rodopi, Amesterdão, 2005, pp. 1-12.

VASCONCELOS, José Leite de, «Estátuas de Guerreiros Lusitanos», *O Archeologo Português*, série 1, vol. 2, n.º 1, Janeiro de 1896, pp. 29-32.

VIEIRA, José Augusto, *Minho Pitoresco*, Livraria de António Maria Pereira, Lisboa, 1886.

WALTON, John K. Walton, «Introduction», in John K. Walton (ed.), *Histories of Tourism: Representation, Identity, and Conflict*, col. «Tourism and Cultural Change», n. 6, Channel View Publications, Clevedon, 2005, pp. 1-18.

YULE, Henry e A. C. Burnell, *Hobson-Jobson: The Anglo-Indian Dictionary*, Wordsworth Editions, Ware, 1996 [1886].

WEBBIBLIOGRAFIA

<<http://www.stjamesoportorito.org/thechurchanditshistory.htm>> (visionado em 22-09-2009).